

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# A Órfã e o Joalheiro

---

por

Gavin Jurgens-Fyhrie

## **Capítulo 1**

*Antes do meu primeiro entardecer em Zhou, eu fui insultado; despojado de dinheiro, roupas e dignidade; deixado para morrer em uma poça. Depois disso, vim a saber que tive sorte de escapar quase ileso. — Abd al-Hazir, Crônicas de Xiansai*

Sorrindo ao vento veloz, Jia saltou de uma chaminé e despencou na direção do telhado recortado do cassino. Sua adaga fazia uma leve pressão na base do dorso. Em dez minutos, ela a usaria para matar um homem. Em um segundo, teria que cuidar da aterrissagem.

Nada daquilo importava no momento. Ela estava voando.

Zhou tinha dezesseis quilômetros de extensão e era uma mixórdia de templos de pedra elegantes e tavernas desmazeladas, torres fortificadas e cortiços depauperados — tudo isso no seio da cordilheira de Guozhi. Uma vez que estradas eram vistas como desperdício de espaço precioso, era uma cidade de becos tortuosos e escondidos em vez de ruas e praças. Tudo podia acontecer aos incautos, e frequentemente acontecia.

Jia rolou ao aterrissar. Sua armadura acolchoada absorveu o impacto da queda, e em meio segundo ela estava de pé e correndo. Ali em cima, podia escolher seu próprio caminho. Não havia becos sem saída nem lutas até o fim. Apenas quilômetros de telhados e liberdade em todas as direções. Podia fingir que não tinha deveres. Que era livre para ir a qualquer lugar.

As janelas passavam rápido, mostrando jogadores de expressão contrariada ocupados demais com suas derrotas para notá-la. No entanto, o Irmão Maior Qiu, sentado ao lado do homem que ele devia matar, a viu. Ergueu a sobrancelha, irritado com a irresponsabilidade de Jia, e ela acenou alegremente. Ser vista por membros da Décima Família não contava como fracasso no teste. Eles eram *treinados* para ver as coisas.

Nove Grandes Famílias governavam Zhou, e cada uma levava o nome da indústria que capitaneava. A Décima Família não tinha nome, apenas número. Seu monopólio era o crime: furto, contrabando, contravenção e assassinato.

A Família criara Jia desde pequena. Ela não era a única. A maior parte dos pivetes e órfãos que sobreviviam às ruas letais de Zhou acabavam batendo à porta da Décima

Família mais cedo ou mais tarde. A Décima Família lhes dava comida, cama e treinamento. E, quando faziam dezoito anos, dava-lhes uma escolha.

Eles podiam partir com um generoso saco de ouro e escolher seu futuro. Havia muitos lugares por aí fora de Zhou, lugares onde um rapaz ou uma moça com uma educação singular podia levar uma vida feliz.

Ou podiam entrar para a Décima Família. E matar.

Jia escolhera a última opção, mas desejava a primeira. Ela queria ir embora e explorar o mundo, mas a Décima Família estava sendo atacada. Não podia abandoná-la.

Jia pulou do beiral do cassino para a parede de pedra insculpida do templo de Tong-Shi<sup>1</sup>. Era uma construção coberta de estátuas e frisos intrincados, e, para pés experientes, era tão fácil de subir quanto uma escada.

Ela continuou subindo, alçando-se acima dos retalhos esqueléticos da cidade, as botas raspando contra palmas levantadas e cabeças inclinadas, as pontas dos dedos tateando parábolas de pedra que mostravam os cinquenta e nove deuses de Xiansai seduzindo, traindo e enfrentando uns aos outros. Jia não deu atenção. A Décima Família não se interessava pela teologia complexa da sua terra natal — com uma exceção importante.

Jia parou diante do friso que retratava *O primeiro roubo*. Uma estátua de Zei, deus pequenino e sorridente, corria pelos céus, perseguida pela fúria do paraíso.

— O trapaceiro Zei meteu-se entre os deuses adormecidos — dissera a Irmã Maior Rou aos órfãos da Décima Família fazia muitos anos. — Com dedos leves e um grande sorriso, ele furtou dos irmãos até seus bolsos tilintarem. Então correu pelo céu negro, derrubando joias na pressa de fugir. A maioria delas ficou no lugar e se tornou estrela, mas algumas caíram ardendo no chão, estilhaçando-se em um milhão de pedaços...

As lendas dizem que Zei foi capturado e banido do céu até devolver todas as pedras. Milhares de histórias começaram nesse dia, cada uma mais absurda que a outra. Xiansai adorava cinquenta e nove deuses, mas amava apenas um: Zei, o trapaceiro sorridente que enganava imperadores, seduzia deusas dos rios e viajava pelo mundo disfarçado de humilde joalheiro.

---

<sup>1</sup> Tong-Shi é o deus pai do panteão de Xiansai. Acredita-se que ele seja onipresente mas não onisciente, o que significa que ele normalmente é representado com uma expressão um tanto perplexa.

Os polegares de incontáveis órfãos em busca de sorte tinham polido a cabeça do deus fujão até a pedra ficar quase lisa. Jia passou o dedo pela calva brilhante e correu por uma vala de pedra, metendo-se na doce fumaça de madeira e vapor acre que pairava sobre Zhou feito um lençol.

Minutos depois, ela se agachou na beirada de um telhado, esperando. Li, décimo terceiro herdeiro da grande família dos Construtores, saiu cambaleando de uma taverna lá embaixo, apoiado em uma prostituta que não sorriria se soubesse o que ele havia feito a seis de suas irmãs. Jia levou a mão à adaga...

... e seis capangas dos Latifundiários apareceram no beco. Li gritou, puxou a bela espada de duelo e empurrou a mulher na direção deles para ganhar tempo. Um dos Latifundiários a trespassou com impaciência e a empurrou para o lado. A moça desabou e seus olhos vazios voltaram-se para o céu.

Jia travou.

Um dos Latifundiários avançou. Li afastou a lâmina do inimigo com a sua e estapeou o assassino, rindo. Os capangas atacaram juntos e Li recuou, a espada voando para rebater os golpes desajeitados. Nenhum deles olhou outra vez para a mulher morta.

Jia percebeu que havia puxado a adaga. Encarou a arma. Os instrutores diziam que ela era dominada por suas paixões. Respirou fundo.

Ela tinha ido até ali por uma única morte. Esperar era a melhor estratégia. Os Latifundiários talvez matassem Li por ela. Aí iriam beber para comemorar, sorrir e dançar, *e a mulher continuaria morta.*

Jia suspirou e pulou no meio da confusão lá embaixo.

---

No nível mais baixo da Mansão Móvel<sup>2</sup>, o Padrasto Yao depôs cuidadosamente uma xícara de chá fumegante diante de Jia.

Tudo o que ele disse foi: — Beba.

---

<sup>2</sup> A Mansão Móvel é o bastião da Décima Família, e há rumores de que ela se teleporta pela cidade. Na verdade, a Décima Família usa muitas "Mansões Móveis", mas encoraja e florea os boatos sempre que possível.

Era um líquido escuro em uma xícara simples de porcelana. Diziam que o chá tinha um leve (e breve) gosto de canela para os reprovados no teste. O boato era idiota. Nenhum reprovado saía vivo do escritório do Padrasto.

Ela exalou forte e engoliu o chá. Tinha gosto de canela.

— Você agiu de forma tola — disse o Padrasto Yao, entrelaçando as mãos sobre a barriga considerável. — Morreram sete homens. Eu só pedi um.

Yao não era bonzinho, apesar da aparência; Jia o vira quebrar as costas de um dos vigias de Liang Torto com um só golpe. O Padrasto era segundo em comando — o líder era o Alquebrado, sinistro e silencioso. Ela pôs as mãos na mesa para poder encará-las caso tremessem.

— A mulher... — disse ela, sabendo que os observadores já haviam relatado tudo. — Eu poderia ter salvado a mulher antes que Li a estraçalhasse como fez com as outras, e os Latifundiários a mataram sem motivo.

— Um deles matou — corrigiu o Padrasto Yao.

— Os outros não o puniram. Eles nem notaram.

— Não — disse o Padrasto Yao, apertando os olhos. — Mas eles não eram o seu alvo.

— Eu fiz o que eu... — começou. O Padrasto Yao bateu na mesa.

— *Eles não eram* o seu alvo!

— Não importa! — gritou Jia. — As Grandes Famílias guerreiam nas ruas como se fosse um jogo! A mulher trabalhava para nós, Padrasto. Ela era da Família, e eles a mataram!

O Padrasto Yao entrelaçou as mãos.

— E então — disse ele, já não aparentando raiva alguma — você pulou no meio de uma luta de espadas com apenas uma adaga e matou sete homens.

— Seis. Li tropeçou em um dos cadáveres e quebrou o pescoço.

— Impressionante — disse Yao. — Mas irresponsável. Havia muitas testemunhas.

Uma mão de pedra envolveu o coração de Jia. Ser vista em sua primeira missão era ser reprovada, independentemente das circunstâncias. A reprovação significava que o chá que ela havia acabado de beber era veneno.

— Mas, de alguma maneira, ninguém viu você — disse o Padrasto Yao, sorrindo. — Parabéns, Irmã Caçula.

Jia reclinou-se na cadeira, tonta de alívio.

— Obrigada, Padrasto.

— E se você agir de forma tão irresponsável assim outra vez, "punição" será uma palavra leve demais para descrever o que vai acontecer com você. Você tem que entender que estamos em guerra com Liang Torto e precisamos de todos os soldados...

Jia empertigou-se enquanto Yao falava de obrigações. Algo estranho chamara sua atenção. O escritório do Padrasto era uma sala pequena mas luxuosa, com a escrivaninha entre eles, um armário e uma porta na parede esquerda que dava nos aposentos particulares dele. Ela podia jurar ter sentido uma brisa...

Ela piscou. Um homem velho e ossudo de vestes puídas e sandálias gastas saiu lentamente pela porta, farejando o ar. Sua barba rala tremia. Ele notou Jia, deu um aceno austero e foi até o armário, estalando os lábios discretamente. Depois de escolher uma xícara bastante delicada, inspecionou a sala com a serena perplexidade de um hóspede se perguntando onde o anfitrião guardaria o açúcar.

Jia olhou do Padrasto Yao para o velho. Ela deveria ignorá-lo? Erguer-se para saudá-lo? Seria outro teste? Ela seria reprovada?

O rosto do Padrasto Yao demonstrou irritação.

— Em nome do inferno, o que diabo você está olhando? — perguntou ele, virando-se. Seu queixo caiu ao ver o intruso ancião pôr alguns cubos de veneno cristalizado de enterradora em uma xícara.

— Guardas!

## **Capítulo 2**

Mas, mesmo nu feito um frango depenado e amarrado a um poste sobre uma fogueira, o astuto Zei tinha mais truques do que o oceano tem segredos. — Zei e as trinta caudas do tigre

Cinco minutos frenéticos depois, o Padrasto Yao sentava-se à mesa, de cenho franzido para o velho, que dera um jeito de invadir a seção mais segura da fortaleza mais secreta de toda Xiansai. Como de costume, Yao mandara avisar imediatamente sobre a invasão ao Alquebrado, que estava... fora, a negócios, mas aquilo era apenas uma formalidade. Os intrusos morriam.

A Tia Xa e o Tio Hao, dois dos assassinos mais letais da Décima Família, estavam um de cada lado do visitante inesperado, com as lâminas a postos para atacar a uma palavra do Padrasto. Aparentando não perceber a ameaça, o velho olhou sorridente para o entorno luxuoso e voltou a atenção para a mesa entre ele e eYao. Ele suspirou.

— Eu estou *morrendo de fome* — disse. — Você tem algo para comer?

— É claro — disse Yao, voltando-se para Jia, que esperava à porta, infeliz. Talvez ela esperasse ser mandada para fora dali. Se ela fosse qualquer outra irmã caçula, Yao o teria feito. Mas Jia era diferente, sempre fora. Ela precisava ser mais dura. Ele fingiu não notar que a Tia Xa, que uma vez despedaçara a garganta de um homem a dentadas, estava olhando para a moça com preocupação.

— Traga aqui um prato de bolinhos da despensa, Irmã Caçula. Depois faça chá do pote marrom.

Jia se apressou, voltando com um prato de bolinhos empilhados. Os olhos do velho se arregalaram quando a bandeja foi posta diante dele.

— Muito bem, amigo — disse Yao, quando Jia voltou à despensa para preparar o chá. — Quem é você, e como você conseguiu chegar aqui?

— Pela passagem secreta atrás da estante de livros — respondeu o velho, olhando para os bolinhos como se eles estivessem sussurrando segredos. — Posso pegar esse de chocolate com gotinhas de yamboesa? Parece uma delícia.

Yao fez uma careta.

— Eu perguntei o seu nome.

— É, eu ouvi.

— E?

— Eu pensei que você estava brincando! — O velho riu, atirando as mãos para o ar. — Todo mundo conhece Shen, o Cobiçoso!

— Infelizmente, eu não — disse o Padrasto Yao. — Pode pegar os bolinhos, amigo.

O queixo de Shen, o Cobiçoso, caiu diante da inesperada generosidade, e ele avançou no prato.

— Agora, eu quero saber por que você... — O Padrasto Yao se interrompeu, horrorizado, enquanto Shen fazia um estrago na pilha de bolinhos, como se eles contivessem o antídoto para o chá venenoso que Jia estava preparando.

—... por que você veio para cá — conseguiu completar Yao. A Tia Xa e o Tio Hao pareciam hipnotizados pela carnificina.

O velho respondeu com a boca cheia de bolo, cuspidando farelo sobre a mesa.

— Perdão, mas não entendi o que disse — devolveu o Padrasto Yao.

— Não me espanta — continuou Shen, engolindo o último pedaço. — Afinal, é um plano complicadíssimo.

— Não — consertou Yao, respirando fundo. — Não entendi, porque você estava com a boca cheia de bolo.

— Mil desculpas. Vou explicar de novo... Ah, chegou o chá!

Houve um retinir de porcelana quando Jia retornou e deixou a chaleira fumegante e duas xícaras sobre a mesa.

— Obrigado, Irmã Caçula — agradeceu Yao, enchendo uma xícara para Shen. Remoinhos diminutos da cor de carvalho polido traíam o conteúdo mortífero do chá preto, mas o velho não chegaria nem a sentir o gosto. Ele adormeceria e seria o seu fim. Mas havia um problema...

Shen ergueu a xícara e bebeu tudo numa golada só.

— Minha nossa — exclamou, soltando fumaça pela boca. — Estava delicioso. Você se importaria de me servir mais?

De cenho franzido, Yao serviu outra xícara. Shen bebericou do chá, molhando os beiços.

— Vou perguntar outra vez — retomou o Padrasto Yao. — O que você veio fazer aqui?

Shen, o Cobiçoso, contraiu os lábios pensativo e tomou outro gole. Ele se inclinou para o Padrasto Yao como quem conta um segredo.

— Esse gosto é de raiz de escorpião? — perguntou, como se um dos venenos mais letais de que se tem notícia fosse um toque suave de amêndoa.

— Pois não, é isso mesmo. E se você quiser...

— É venenoso, sabia?

— Eu sei — respondeu Yao, os dentes cerrados. — E se quiser o antídoto...

— Ah, não tem antídoto — disse Shen, o Cobiçoso, enchendo mais uma xícara. — É um dos venenos mais letais conhecido pelo homem. Por sorte, uma vez passei um mês de perrengue numa ilha lotada de raiz de escorpião e cobras peçonhentas. Tive que comê-las para sobreviver, claro. A experiência me deixou praticamente imune a quase todo tipo de veneno!

O Padrasto Yao encarou Shen. Havia um mistério ali. Yao odiava mistérios. Seus olhos encontraram os de Hao e ele aquiesceu.

As Grandes Famílias enviavam seus prodígios mágicos ao Santuário Yshari de Caldeum para que meditassem sobre o uso responsável do poder e pudessem usá-lo de forma irresponsável ao regressarem a Xiansai. A Décima Família preferia métodos mais diretos de assassinato e treinava os seus no uso sutil da força aplicado aos órgãos internos.

O Tio Hao ergueu a mão, proferiu uma palavra e cerrou o punho. As lanternas dependuradas no teto tremeluziram e balançaram, como se atravessadas por um vento negro.

Em meio ao silêncio, Shen, o Cobiçoso, sorveu ruidosamente seu chá. Ele aparentava estar bem tranquilo.

Gotas de suor pingavam da frente do Tio Hao. Seu punho exangue tremulava, suspenso no ar.

Então, houve um tremor. A mesa se abalou. Shen, o Cobiçoso, terminou o chá com um suspiro de prazer e repousou a xícara na mesa.

A chaleira explodiu, lançando estilhaços em todas as direções.

Grunhindo e pouco se importando que seus assassinos estivessem desesperados com a possibilidade de terem sido envenenados pelos estilhaços, o Padrasto Yao empurrou a

pesada mesa com uma mão e puxou a faca. Shen, o Cobiçoso, permaneceu sentado, numa consternação assaz polida. Os dentes arreganhados, Yao armou o golpe...

... E se deteve. Sua cabeça doía, mas não por causa dos arranhões.

Cartas podiam ser interceptadas e mensageiros, torturados para se obter informação. Por meio de alguns encantamentos dolorosos e gastos elevados, o Padrasto Yao e o Alquebrado haviam obtido um método mais seguro de se comunicar a distância.

Yao observara bem o intruso quando ele chegara. Ele sussurrou a mensagem, mas não estava esperando resposta.

Uma centena de sussurros mentais coalesceram num único e poderoso pensamento do Alquebrado.

*Dê a ele tudo o que quiser e reze para que vá embora rápido.*

Yao engoliu em seco. O Alquebrado assumira o controle da Décima durante o Expurgo, quando toda a cidade se voltou contra a família. Ele tinha quase dois metros de músculos, cicatrizes e ossos remendados, e era o único homem que Liang Torta, a mulher mais poderosa da cidade, via como um rival.

*Reze para que vá embora rápido.*

O Alquebrado tinha medo de Shen, o Cobiçoso.

O Padrasto Yao embainhou a faca e olhou bem para o intruso desmazelado, de vestes imundas. Bolsos pesados. E aquele sorriso...

Todos os membros da Décima Família haviam passado pelo Teste do Órfão e afagado o cocuruto de Zei para dar sorte. Todos conheciam a lenda do deus ardiloso, aprisionado no reino dos mortais até devolver as joias que roubara dos céus.

Lambendo os lábios ressecados, Yao perguntou: — Quem é você, vovô? Quem é você, de verdade?

— Apenas um humilde joalheiro — respondeu Shen com grande satisfação. — Que gostaria de contratar os serviços da jovem Jia para uma empreitada deveras interessante.

### **Capítulo 3**

*A esposa do guerreiro ofereceu a Zei um resgate em pedras preciosas ou uma noite de libertinagem sem limites. Para Zei, não havia dúvidas quanto ao que escolher. — Zei e a noite de libertinagem sem limites*

A Mansão Móvel consistia em cinco andares subterrâneos de dormitórios e salas de treinamento conectadas por uma escada em espiral fortificada. Jia acompanhou Shen escada acima a contragosto. De alguma forma, a notícia da chegada do visitante já se espalhara. Olhos apreensivos bisbilhotavam pelos mata-cães e sussurros atarantados corriam pelas sombras, enquanto os mais letais assassinos de Xiansai se acotovavam para vê-lo.

Jia resmungou. Ela sabia que não teria paz tão cedo.

— Eu sei que você não é ele — disse ela.

— Não sou quem? — brincou Shen.

— Zei! Você não é Zei!

— Eu nunca disse que era.

— E nunca disse que não era!

— Ah, mas se eu for dizer tudo o que não sou, a noite vai acabar e nós não vamos ter tempo de invadir a torre da Liang Torta.

Os sussurros cessaram abruptamente e as centenas de bisbilhoteiros prenderam o respiração. Armou-se um silêncio espesso sobre a escada. Jia ficou paralisada.

— Quê? — guinchou ela.

Shen se voltou para fitá-la pela curva da escada.

— Ah, eu não contei? Isso mesmo, vamos roubar segredos da Torre da Conselheira. Não é incrível?

As leis de Zhou eram determinadas por um conselho que consistia em um homem ou uma mulher de cada uma das nove Grandes Famílias. Como nenhuma delas era tola o bastante para confiar nas outras ou para trabalhar em conjunto, criaram o cargo de conselheiro muito tempo antes.

Essa posição poderosa e perigosa geralmente era concedida a algum mercador bem-sucedido oriundo das massas. O conselheiro apontava as questões importantes<sup>3</sup> ao conselho e executava suas ordens,<sup>4</sup> dando às Grandes Famílias tempo para gastar com bailes de máscara, intrigas e tramoias para assassinar os desafetos. Os conselheiros trabalhavam sem nenhuma supervisão e, na prática, governavam Zhou. Além disso, raramente viviam o bastante para concluir seu mandato de um ano.

Isso significava que a atual conselheira, Liang Torta, era... incomum. Ela usara os crescentes relatos de ataques demoníacos na fronteira das Terras do Pavor e no resto do mundo para permanecer no poder por quatro anos e sobrevivera a dezesseis tentativas de assassinato. Antes de se tornar conselheira, as Grandes Famílias haviam entupido a guarda da cidade com a escória de seus exércitos particulares. Liang reformou, demitiu e até mesmo matou os beberrões, espias e criminosos, criando uma guarda mais bem paga e treinada que só obedecia a ela.

Em resumo, Liang Torta era a única guardiã da ordem em uma cidade onde grassava o caos, e isso a colocava em maus lençóis com a Décima, que prosperava satisfazendo o capricho dos ricos e poderosos. Há anos, eles se enfrentavam numa guerra silenciosa. Os guardas de Liang saqueavam os armazéns e assassinavam os membros da família adotiva de Jia pelas ruas da cidade. Em retaliação, tios e tias visitavam as guaritas para garantir que a cidade inteira pudesse assistir ao espetáculo das chamas.<sup>5</sup>

Ninguém, nem mesmo os Construtores e os Latifundiários, se odiava tanto quanto o Alquebrado e Liang Torta.

Jia se recostou na parede. *E nós vamos roubá-la.*

— Estou acabada — disse.

— Só se os guardas nos pegarem — ponderou Shen, o Cobiçoso, fazendo um gesto de descaso. — Ou se cairmos durante a escalada.

---

<sup>3</sup> Isto é, importantes para a Grande Família que pagasse melhor.

<sup>4</sup> Ver supra.

<sup>5</sup> Quando lhe contratavam para um assassinato discreto, o Padrasto Yao enviava um dos irmãos mais velhos. Aos tios só eram designadas as tarefas nas quais fosse necessário deixar bem claro que alguns indivíduos haviam contrariado  *muito* a Décima Família.

— Escalada? — perguntou Jia, levando a mão à testa.

— Pois é, vamos escalar a torre. — Então Shen franziu o cenho. — Pensando bem, explicando, assim, em voz alta, parece bem arriscado. Por sorte, você tem uma arma secreta.

— Tenho? Qual?

— Eu! — respondeu, desaparecendo além da curva. Jia sentia que toda a família a observava.

— Seja forte, Irmã Caçula — disse um deles, estendendo o braço pela portilha para afagar seu ombro. — Não faça barulho e tome cuidado.

— Esconda-se à vista de todos — disse outro.

Jia suspirou. O último conselho era uma citação. Do *Livro de Zei*.

---

Shen, o Cobiçoso, saiu da mansão pela fachada falsa de mercado. Jia o acompanhou, mal-humorada. As ruas de paralelepípedo se multiplicavam em meio aos edifícios amontoados e decadentes, tampando as estrelas do céu.

A única coisa que se via era, a pouco menos de um quilômetro, a silhueta serrilhada da Torre da Conselheira, erguendo-se imponente em meio à miséria, à espera deles.

Shen, o Cobiçoso, ficou completamente imóvel, no meio da rua desnivelada. Os fios emaranhados de sua barba rebrilhavam à luz do luar. Uma tímida lembrança vagava pelos confins da memória de Jia...

E então ela sumiu. Jia balançou a cabeça e aproximou-se de Shen. Talvez o velho larápio cogitasse desistir.

Mas não. Ele estava hipnotizado pela visão de um ambulante parado na curva sinuosa que levava à torre. A carne assoviava na grelha e os filetes da fragrante fumaça dançavam rumo a Shen.

— É melhor irmos pelos telhados.

— Tem barraca de churrasquinho nos telhados? — perguntou Shen, boquiaberto. — Passei muito tempo longe desta cidade maravilhosa.

— Não — cortou-o Jia. — Mas é mais seguro.

— Ah, tá — concordou Shen, sério. — Segurança em primeiro lugar. Nada tema. Se precisarmos saltar de um telhado para o outro e lutar contra sete homens, você vai na frente.

Shen saltitou rumo ao vendedor, deixando Jia boquiaberta para trás. Ele devia ter entreouvido, claro. Mas o Padrasto Yao não mencionara o telhado...

O carrinho e a grelha ficavam diante de uma cozinha aberta, conectada às paredes e ao teto sujos de fuligem por um complexo conjunto de correntes e engrenagens. Parecia que aquela engenhoca toda servia para puxar uma chapa de ferro e fechar o carrinho bem depressa. Quando Jia alcançou o carrinho, Shen se perdia entre cotoveladas e pedidos de licença na pequena fila. Então ele pediu tudo o que estava na grelha.

— Tudo, vovô? — Perguntou o vendedor, o cenho franzido sob o largo chapéu de palha de pontas volteadas. Ele ignorou as queixas da fila, pois vender tudo permitiria que fosse para a cama mais cedo com a bolsa repleta de ouro.

— Claro! — confirmou Shen. — Eu e a minha amiguinha temos uma escalada difícil à frente e...

— A gente chegou primeiro, velhote — resmungou uma mulher de meia-idade, de olhos cansados e com uma bolsa bem pesada e cacarejante sobre o ombro.

— Chegaram, foi? Impossível! — respondeu Shen. — Eu teria notado um mulherão desses na minha frente. Mas ninguém vai passar fome!

— Ô do churrasquinho! — gritou, socando o carrinho. — Desce espetinho pra todo mundo!

Jia empurrou gentilmente a mulher, que exibia um sorriso amarelo, e um artista de rua com uma mítica de dezoito cordas às costas.

— O que você está fazendo? — sibilou ela.

— Estou me preparando para a missão secreta — respondeu Shen num sussurro que se poderia ouvir do outro lado da rua. O assobio da grelha aumentou.

— Você está fazendo um escândalo!

— Ah, talvez você tenha razão — admitiu. — Vou ser mais discreto.

— Vovô — disse o Vendedor, de olhos arregalados. — Sua mão! Sua mão!

Shen olhou para ele. Olhou para a mão com a qual havia socado... a grelha pelando.

— Não faz mal! — tranquilizou-o o velho, apoiando-se na grelha com a outra mão. — Sou bem resistente a queimaduras, e a noite está fresquinha. Então, cadê meu churrasquinho?

— O dinheiro primeiro — cobrou o vendedor, contorcendo-se com o som da mão queimando.

— Ah, é mesmo. Mil desculpas. — Shen se endireitou e revirou suas bolsas com as duas mãos, resmungando. Finalmente, ergueu um rubi. Suas palmas não estavam queimadas.

— Serve?

Os olhares iam das mãos ao rubi e, depois, ao rosto enrugado de Shen. Alguém cochichou "Joalheiro", e outro, "Zei", e dessa vez até Jia ficou... na dúvida. A joia. A pele que deveria estar queimada, mas estava imaculada. O veneno. A magia. Quem era ele?

Mas ela era jovem e seu sarcasmo natural logo se recompôs.

— É isso que você chama de discricção? — perguntou.

— Não é dos maiores que eu tenho — replicou Shen, com um ar preocupado.

— Dá pra comprar a rua inteira! — devolveu Jia. — E você está gastando isso numa barraca de churrasquinho?

— Você não sentiu o cheiro? Um rubi não é nada perto dessa carne deliciosa!

— Você é um idiota!

— A beleza transforma até o melhor dos homens num idiota — disse Shen, piscando para a mulher com o saco de galinhas. Ela enrubesceu feito uma sacerdotisa. — Mas você tem razão.

— Chefia, me dá seu chapéu maravilhoso e esse rubzinho aqui será seu — concluiu, balançando a gema sobre a cabeça. Os olhos do vendedor estavam fixos nela.

— Pare de exhibir esse negócio — esbravejou Jia. — Você quer morrer, por acaso?

— Por essa gente maravilhosa? — perguntou Shen, entregando o rubi e enfiando o chapéu novo na cabeça. — Eles parecem gente de confiança. Além do mais, quem mataria por um punhado de joias?

— Quase a cidade inteira. Agora pare de anunciar essas joias por aí.

— Dividiria de muito bom grado — confessou Shen, arrumando o chapéu. — Já tenho muitas.

Três sujeitos esguios saíram, em fila, de um beco. Jia deu um passo para trás e deixou uma adaga escorregar silenciosamente para sua mão, escondida pela multidão agitada. Os idiotas não exibiam a marca da Décima, o que significava que eram freelancers não autorizados<sup>6</sup> e dificilmente seriam dissuadidos por uma ordem de Jia. Na verdade, era provável que tentassem matá-la. Ela teria apenas que matá-los an...

Uma patrulha da guarda da conselheira vinha na direção contrária. Perfeito. E ali estava ela em sua discretíssima armadura de assassina.

Aparentemente, o vendedor também via o que o futuro reservava. Ele puxou o carrinho para trás e a chapa de ferro se fechou.

Shen, o Cobiçoso, segurou-a com uma mão e a abriu sem nenhum sinal de esforço.

— Por acaso, essa garrafa na prateleira é vinho de gengibre? — indagou ele.

Puxando desesperadamente a alavanca imóvel, o vendedor aquiesceu.

— Pago uma opala por garrafa — propôs Shen. Sua voz ecoou nas construções altas. O vendedor congelou. Um sujeito careca empunhava um tacape.

— Sério? Uma opala por garrafa? — questionou Jia.

— Eu quase não bebi vinho de gengibre na vida — respondeu Shen, solene. — É um dos meus maiores arrependimentos.

Apostando a vida contra as opalas, o vendedor passou a garrafa a Shen, que a jogou para o sujeito careca sem nem olhar.

— Vinho para os meus amigos! — declarou o velho. — E agora que temos um público, precisamos de música!

Um público? Jia olhou para cima. As pessoas se inclinavam às janelas, tentando ver o que estava se passando. Aquilo nunca havia acontecido. À noite, Zhou era uma cidade de portas e janelas trancafiadas. Ninguém tentava descobrir o motivo da confusão, a menos que quisesse convidá-la para entrar na sua casa.

— Posso pegar sua mítica emprestada, meu jovem? — perguntou Shen ao artista de rua.

---

<sup>6</sup> A Décima não levava na esportiva a competição em Zhou. Ladrões, golpistas e receptadores freelancers deviam pagar uma porcentagem de seus ganhos à família ou perder uma porcentagem de alguma coisa — geralmente vital.

— Posso me servir do vinho?

— É um negócio justo! — O vinho e o instrumento foram trocados. Shen cambaleou sob o peso da mítica. — É mais pesado do que eu me lembrava. Vou precisar usar as duas mãos.

— Você aí! — disse ao careca. — Ajude o vendedor a servir vinho. Quem souber a letra, cante junto!

Todos sabiam, especialmente por se tratar de uma letra bem suja. Quase todas as canções sobre Zei eram sujas. Quando ele chegou na parte em que a rainha pava encontra Zei na árvore com suas três irmãs, a mulher das galinhas e o sujeito careca se abraçavam e gargalhavam juntos.

Mais e mais gente inundava as ruas, buscando cada qual sua garrafa de vinho. A guarda da cidade chegou, soprando seus apitos para convocar mais guardas e conter o caos. Reempossado da mítica e agraciado com o chapéu de Shen, o artista tocava e cantava feito louco com seus novos amigos. O ambulante gritou à sua mulher que acordasse, que escondesse o saco de opalas e trouxesse mais vinho de gengibre e carne crua do porão...

Dez minutos depois, a vários quarteirões de distância, Jia e Shen estavam ao lado do pátio que cercava a Torre da Conselheira. Enquanto observavam, os últimos guardas partiam em direção à festa de rua improvisada.

— Seu velho safado — disse Jia. — Você fez tudo de propósito... Espera, você trouxe uma garrafa de vinho?

— Escaladas longas me dão sede — explicou-se Shen, retirando a rolha como quem sabe o que está fazendo e esvaziando metade da garrafa com três goles.

Irritada pelo fato de que um homem pelo menos quatro vezes mais velho a estava obrigando a ser a adulta da situação, Jia advertiu: — Você não pode subir a torre bêbado, velho.

— Por que não? Já subi milhares de torres. A sobriedade nunca melhorou a experiência.

— Você vai cair!

— Ah não, não. Eu sou magro demais para cair. Apesar de nunca ter testado a teoria, tenho certeza de que eu flutuaria até o chão.

— Ótimo — desistiu Jia, beliscando a ponte do nariz. — Vamos. Quando eu der o sinal...

Shen já saltitava pátio adentro. Ela xingou e o seguiu, esperando o alerta de um guarda a qualquer momento. Nenhum alerta foi dado, embora devesse haver arqueiros nos telhados ao redor. Parecia que a sorte de Shen era contagiosa.

Ele alcançou a torre, enfiou a garrafa em sua vasta rede de bolsas e subiu os primeiros três metros da parede lisa feito um macaco. Jia teve de se valer de todos os recursos de escalada e de seus músculos para acompanhá-lo.

Zhou se distanciava abaixo. As trevas dominavam a cidade adormecida, exceto pelo Festival de Zei<sup>7</sup> em miniatura que Shen criara e pelas aglomerações irradiantes de tochas e lanternas que assinalavam o Mercado Eterno ao leste.

Jia acabou se dando conta de que Shen estava seguindo praticamente em linha reta parede acima. Prestando atenção, notou vãos irregulares cavados na pedra polida, invisíveis para quem olha por baixo.

— Alguma outra pessoa andou escalando esta torre — disse ela.

— Pois é — respondeu Shen, com o fôlego a toda. — Meu filho sobe aqui sempre.

— Filho? — indagou Jia. — Mas você sempre dá a entender que...

— Que eu sou celibatário? Jamais. As mulheres vão lançar as montanhas ao mar quando este dia chegar.

— Não, que você é um deus. E, *por favor*, vamos mudar de assunto — pediu Jia, enrubescendo.

— Por quê? — perguntou Shen, inocentemente, pausando para cofiar a barba, a mão ossuda enfiada num vão da parede.

— Porque você é...

— Lindo maravilhoso? Cheiroso?

— Velho.

---

<sup>7</sup> Xiansai celebra muitos feriados dedicados ao vexame público, mas nenhum se compara à depravação absoluta, a nível de cueca-na-cabeça, do Festival de Zei, uma festividade anual que conta com quatorze paradas pela cidade e encenações para lá de vulgares das numerosas aventuras do deus, além da tradicional enxurrada de pegadinhas e trotes que deixam alguns bairros completamente inabitáveis por semanas.

— Isso lá é verdade — admitiu Shen, aquiescendo pesaroso. — Sou velho. Velho demais, inclusive, para continuar carregando essa garrafa de vinho pesada. Segura.

Ele soltou a garrafa, que por pouco não passa por Jia e se arrebenta no calçamento lá embaixo.

— O que você quer que eu faça com isso?

— Beba — respondeu Shen. Uma rajada de vento agitou suas roupas enquanto ele apoiava o pé num buraquinho da parede. — E, depois, quebre a garrafa para espantar a ressaca!

— Eu não vou... Tá certo, isso funciona mesmo?

— É possível. Pessoalmente, eu até que gosto da ressaca. Ela me lembra...

De repente, ele se calou. O silêncio foi tão inesperada que Jia se sentiu impelida a preenchê-lo.

— Ela o lembra de...?

— Ah, do passado — respondeu Shen, sorrindo para ela.

Pela primeira vez, Jia olhou bem para ele. Por trás da barba estranhamente familiar e do sorriso solto, vislumbrou pela primeira vez... a tristeza, isolada por muros altos e um portão grosso. Um portão que de novo se fechava.

— Você falou do seu filho... — retomou ela, enfiando a garrafa na armadura.

— Ah, sim. Ele sobe essa torre bem mais do que deveria. Ele e Liang são amantes, sabe?

A mão de Jia ficou paralisada no meio de um gesto.

— Liang Torta? A conselheira que mora nessa torre que estamos escalando? Aquela Liang?

— A própria — respondeu Shen, alegre. — Eles estão apaixonados há anos. Décadas, no mínimo.

— Impossível — disse Jia. O desinteresse da conselheira pelas questões do amor é cantada pelos bardos. Liang recusou centenas de pedidos de casamento de vários membros das Grandes Famílias. Jia achava essa uma de suas únicas qualidades.

— Não é impossível. Só surpreendente. A partir daqui, é melhor falarmos aos sussurros — acrescentou Shen. A janela da conselheira pairava acima deles.

— E esse filho seu — continuou Jia, certa de Shen brincava com ela. — Ele também é um sedutor famoso? Um deus disfarçado?

— Eu não mencionei? Vocês o conhecem por Alquebrado.

Jia escorregou. Mais veloz que um raio, Shen agarrou seu pulso com um grunhido. As botas dela balançavam no vazio, centenas de metros acima do solo.

— Cuidado — foi tudo o que ele disse antes de trazê-la de volta à torre. Ela se agarrou à parede, a face colada às pedras geladas, recuperando o fôlego.

— Não — negou ela, finalmente. — Estamos em guerra com a guarda de Liang. Eles odeiam um ao outro.

— Certamente há paixão nessa história — pontuou Shen, movendo-se de novo. O assunto ou a quase queda haviam espantado seu bom humor.

A janela estava a apenas um metro e meio de distância agora.

— Você está enganado! O Alquebrado jamais nos trairia. — Ela notou o desespero em sua voz e sentiu ódio de si mesma.

— Ele jurou lealdade a ela primeiro — disse Shen, com gentileza. — A Décima não passa da "terceira esposa".

— "Terceira"? Então qual é a segunda?

— Quem bom que você perguntou! — respondeu Shen, satisfeito. — Foi pra revelar esse segredo que eu trouxe você aqui.

E com seu braço musculoso, ele a soergueu pelas costas da armadura ao parapeito da janela.

Um filete de luar adentrava os aposentos da conselheira, iluminando um carpete luxuoso, uma lareira e a cama. Liang Torta estava de frente para a parede, cobrindo as costas e ombros nus com um penhoar.

De torso nu, repleto de cicatrizes, o Alquebrado surgiu das sombras atrás dela. Duas mãos assassinas deslizaram por sua garganta, ergueram seu queixo delicadamente... para beijá-la...

A história dos telhados se repetia. Jia não pensou duas vezes: cruzou a janela, adaga em punho.

Liang Torta se contorceu para fora dos braços do Alquebrado, boquiaberta...

... e o Alquebrado a protegeu, puxando-a de volta para si. Ele encarou Jia com uma expressão imperscrutável, e ela percebeu que ele não poderia deixá-la viver. Nenhum dos dois poderia.

Ela não sairia dali tão fácil quanto entrara. Jia se inclinou sobre o parapeito e estendeu a mão para Shen, o Cobiçoso... que não estava lá. Do alto da torre até o pátio, não havia sinal do lunático com delírios de divindade. Xingando, ela se voltou a tempo de ver que o Alquebrado avançava...

Ela talhou-lhe o pulso com a adaga, abaixou-se sob seu braço enquanto ele recuava e disparou em direção à única saída restante...

— Guardas! — rugiu Liang. Duas sentinelas, espadas em punho, escancararam a porta, a última esperança de fuga. Sem pensar, Jia puxou a garrafa de Shen da armadura e a arremessou contra a cabeça do guarda mais próximo. A pancada ressoou como um sino, e ele cambaleou de banda. Ela se esquivou do arco prateado traçado pela espada do outro, fincou a adaga no antebraço do inimigo e pegou a espada antes que caísse no chão.

Ela girou a espada, ignorando os urros do guarda e, por pouco, defletiu — pelos deuses — a lâmina de Liang. A mulher matara dezenas de assassinos da Décima. A família de Jia. E o Alquebrado, seu protetor, estava *apaixonado* por ela...

O sangue escorrendo do pulso ferido, o Alquebrado atravessou o quarto correndo. Liang golpeou uma, duas vezes, e Jia, bufando de ódio, se movia de acordo com os golpes, defletindo o fio da lâmina da conselheira, girando...

... e, acumulando toda a fúria de seu coração em um só grito, Jia projetou adaga e espada contra o peito do Alquebrado.

Ele as afastou com um movimento do braço e continuou a avançar.

Jia se virou, correu para fora do quarto e seguiu o corredor que dava numa escadaria vertiginosa. Abaixo, ecoava o som das botas dos guardas. Só restava subir.

Sabia que subir seria a morte. Ela ia morrer, e sua família continuaria sofrendo com as mentiras do Alquebrado...

Chegou ao topo da torre, iluminado pelo luar. Estranhamente, estava tudo calmo. O caminho acabava ali.

Jia correu até a beirada do telhado, ofegante, só para ver se ninguém tinha feito a gentileza de colocar uma escada para sua fuga. Não. Era uma queda livre até o pátio lá

embaixo. Ela conseguiria descer até a janela da conselheira e voltar por onde subira, mas teria que ser com calma. E, pelos gritos, os guardas já estavam chegando.

Fechou os olhos. Havia uma história... uma história sobre Zei...

*Perseguido pelos Senhores do Fogo, o sagaz Zei escalou até o topo dos céus. E quando zombaram dele, Zei plantou um beijo na face da alvorada e saltou...*

Jia abriu os olhos. O aço rangia contra as pedras com a aproximação dos guardas. Talvez ela nunca viajasse para além do horizonte como sonhava, mas podia voar uma vez mais...

Ela deu as costas à queda, o calcanhar sobre a fronteira do obívio. Cerca de vinte guardas com sorrisinhos sarcásticos formavam um semicírculo de lanças e espadas. Vinte soldados que mais tarde poderiam ferir sua família.

Ela suspirou e avançou contra eles.

Uma espada alvejou seu pescoço, mas ela desapareceu. Uma lança investiu contra suas costas, mas ela se esquivou e arrancou a haste das mãos do guarda.

O carvalho da lança ressoou no aço dos elmos dos guardas. Um deles caiu gritando do telhado ao ter o joelho trespassado pela ponta da lança, através do vão da armadura. Jia continuou lutando, mesmo sabendo que perderia. Eles a encurralaram na beirada e um golpe de sorte partiu a lança ao meio. Um dos guardas a agarrou por trás e, num grunhido, ela afundou a lança no peito do pé dele, se livrou de seus braços e enterrou a lâmina no seu peito.

A haste se partiu. Ela tomou a espada da mão do guarda antes que ele caísse da torre e se lançou contra a turba que pretendia assassiná-la. Cada talho de sua lâmina defletia golpes múltiplos, encontrando a carne dos inimigos. Rindo, ela dançou e rodopiou e lutou...

Quando só restavam nove guardas, um a derrubou com um murro de manopla e outro chutou a espada de sua mão.

Estupefata, ela observou a sombra do machado erguido sobre sua cabeça e ouviu alguém... subir a escada...

O Alquebrado irrompeu da escadaria, agarrou dois guardas pelo pescoço e os lançou ao abismo. Ele girou a tempo de escapar de uma lança que lhe roçou a nuca. Com as costas da mão, esmagou o elmo do lanceiro.

Jia se lançou no chão para recuperar a espada e defletir um golpe destinado ao seu peito. As falanges arreventadas, sangrando, o Alquebrado se ergueu por trás do desafortunado guarda e espremeu sua cabeça com as gigantescas mãos.

Os cinco guardas restantes recuaram, pois conheciam o Alquebrado. Mas Jia sabia que ele não os pouparia. Assim como ela, eles eram testemunhas...

... mas Jia, franzindo o cenho, se deu conta de que o Alquebrado poderia tê-la deixado morrer.

O homem que o frágil Shen, o Cobiçoso, havia chamado de filho matou mais três em poucos segundos. Os últimos dois ele bateu um contra o outro até ficarem imóveis e os lançou escada abaixo.

Ele se voltou, o sangue escorrendo das várias feridas.

— Ela é a sua mãe — disse ele.

Jia o fitou perplexa. O segredo de Shen. Liang e o Alquebrado estavam apaixonados fazia décadas...

— E você é...

— Sou.

Ele não tentara machucá-la. Tentara deter Liang, que não a reconheceria.

Jia notou que tinha os olhos do pai. Era a primeira vez que se lembrava de ele tê-la olhado.

— Eu sabia que ele a traria aqui — prosseguiu. — A qualquer custo.

Se essa fosse uma das histórias que ouvia quando menina, ela teria feito festa, erguendo os bracinhos. Em vez disso, deu um tapa nele e teria feito qualquer coisa para que retirasse o que dissera.

— Sinto muito — disse o gigante de olhos negros. — Eu sou um alvo. Não podia deixar que você se tornasse um também.

A seda se arrastou pelas pedras, à esquerda. Liang Torta a observava das sombras da escadaria. Agora que Jia sabia a verdade, não havia como negar que ela e a conselheira eram praticamente idênticas.

Liang Torta virou-se, com um ar empertigado, e desceu as escadas sem dizer uma palavra sequer.

— Ela nunca mais a viu depois de seu nascimento — disse o Alquebrado. — Não teria mandado os guardas atrás de você se soubesse quem era.

— Não sei se acredito nisso — ponderou Jia, lembrando-se do olhar gélido e furioso da mãe.

— Você não a conhece — respondeu o pai, mas sua voz traía incerteza.

— E você conhece — disse Jia.

— Desde criança, quando morávamos na rua e lutávamos por comida. Mas, quando eu entrei para a Décima e fiz dela minha família, ela seguiu só.

Jia sentiu uma fisgada de admiração no peito. Sua mãe, através da astúcia e da força de vontade, havia saído das ruas, feito as conexões certas, tornado-se conselheira, sobrevivido...

... para se tornar Liang Torta, que caçava os filhos assassinos de seu amante. Jia jamais a perdoaria, mesmo que ela suplicasse.

— Temos que conversar com ela — retomou o Alquebrado. — Agora que ela a viu...

Jia prendeu um suspiro quando compreendeu a situação. *Ele é leal a ela em primeiro lugar, a mim em segundo e à Décima em terceiro, mas quer manter todas...*

— Jamais seremos uma família — asseverou ela. — Entendeu? Ela não vai parar só porque você a ama. Isso só vai acabar quando o sangue dela ou o seu correr sobre as ruas, e você sabe.

— Ela é a sua mãe — disse ele.

— Não — negou Jia, acocorando-se à beira do telhado. — Ela é a sua amante. Eu sou órfã.

Então ela desceu pelas paredes, deixando-o sozinho na torre, cercado pelos mortos.

#### **Capítulo 4**

*As sombras desaparecem à luz do dia. Os buracos podem ser vasculhados. Esconde-te à vista de todos e jamais serás encontrado. — Livro de Zei*

Horas depois, Jia sentada no topo do templo Tong-Shi de novo, as costas voltadas para o friso de Zei e os pés balançando no vazio. A alvorada se aproximava. A luz das lanternas adornava a Fortaleza do Conselho, postada à garganta das sombrias Montanhas Guozhi. As chaminés da Forja Subterrânea eram de um carmesim vivo.

Ela queria ir embora. A Décima era a sua família, mas a maioria de seus irmãos não era mais criança. Eles gostavam daquela vida, da batalha constante. Mas ela, lá no fundo, não.

Jia sabia que morreria lutando numa guerra sem sentido pelo amor de sua família e pela lealdade insensata que depositava em seu pai. Ela queria ir embora, mas seus deveres a mantinham ali.

— Olá, Neta — disse Shen, o Cobiçoso, sentando-se ao beiral, ao lado dela.

— Por que você fez aquilo? — perguntou ela.

— Uma criança tem que conhecer os pais — respondeu Shen, balançando os pés no vazio. — Para que sirvam de exemplo do que não fazer.

— Mais piadas — retomou Jia, virando o rosto.

— Piada? — disse Shen, severo. — Sua mão não quer que haja oposição ao seu governo e tenta erradicar todas as Grandes Famílias. Seu pai sabe que ela não vai parar na nona. Logo, seu amor fadado à ruína não bastará, e esse país passará por mais uma guerra civil. Seja mais sensata do que eles, Neta.

Jia o fitava. O sorriso costumeiro desaparecera. No seu lugar, havia tristeza o bastante para cem vidas inteiras.

— Eu também posso ter o direito de saber quem é o meu avô? — perguntou ela, finalmente. Shen se virou para contemplar o friso do sorridente Zei fugindo da ira dos deuses. De perfil, seus rostos eram idênticos.

— Que rapaz mais lindo — comentou Shen, sorrindo um pouco.

— O que devo fazer? — retomou Jia, após um breve silêncio lhe indicar que Shen não diria mais nada. — Tentar fazer as pazes entre minha mãe e meu pai? Fugir e me esconder?

— Faça o que quiser — respondeu ele, acariciando sua bochecha. — A vida é curta.

— Para os mortais, você quer dizer.

Shen permaneceu em silêncio.

— Olhe para isso. — Ele indicou Zhou com um gesto. — Antes, era tudo uma campina povoada por pequenas tribos. Havia flores.

"Aí o mundo mudou. As pessoas contavam histórias e buscavam nos céus o conselho de seres mais poderosos. As histórias se tornaram leis e obrigações, as tribos cresceram e guerrearam entre si. Acreditavam que não havia outra escolha. E esperavam sinais proféticos."

Ele apontou para o céu. Um cometa, uma bola incandescente de fogo e cinzas, traçou um arco e explodiu no firmamento. Arrepiada, Jia se virou para Shen.

— Juro que não fui eu — confessou ele, de olhos arregalados.

Ela riu.

— Preste atenção — continuou ele, observando a estrela passar sobre suas cabeças rumo às distantes terras além de Xiansai, ao sudoeste. — Você tem o coração de seu pai e a fúria de sua mãe. Eu soube no momento em que o vi carregar você para casa pela primeira vez. Pedi para segurar você, naturalmente. Você puxou minha barba com uma força tremenda.

Finalmente, Jia lembrou: seus pequeninos dedos emaranhados na barba rala, iluminada pela lua. Ela devia ser nova demais para se lembrar daquela noite, mas a recordação estava guardada.

— Agora — prosseguiu Shen — você é uma filha da Décima Família e minha neta. Mas você não está presa às nossas decisões e não é um soldado das nossas batalhas.

Ele segurou o queixo dela com delicadeza e a fitou.

— Não importa o que digam, você é livre.

À luz da estrela cadente, Shen parecia exausto e muito mais velho. Ela não precisou perguntar para saber que ele seguiria a estrela. Ela significava algo para ele.

Mas não significava nada para ela.

Por um longo tempo, os dois fizeram companhia um ao outro em silêncio. Então Shen começou a fungar.

— Esse cheiro é de peixe-pimenta salgado? — perguntou, pondo-se de pé.

Jia ergueu as sobrancelhas.

— É melhor você ir ver — aconselhou ela. — Vai que comem tudo?

— Você tem razão — ponderou Shen, com um ar urgente. — Segure isso para mim.

Nós ainda vamos nos ver outra vez.

Ele largou uma de suas incontáveis bolsas no colo de Jia, beijou seu cocuruto e deslizou pelas valas do templo em busca do cheiro delicioso.

Jia abriu a bolsa volumosa. Sobre um amontoado de belíssimos diamantes, havia uma gema negra trincada. Era uma joia protetora, que servia para defletir ataques mágicos, do mesmo tipo da que o Tio Hao usara contra Shen no início da noite.

Ela esperou a alvorada arder no horizonte, então pôs-se de pé, esticando as pernas e enfiando a bolsa na armadura. Podia voltar à Mansão Móvel para tomar café da manhã. Podia pedir desculpas ao pai. Ou, então, podia encontrar uma passagem num navio e visitar terras que só conhecia nos livros.

Ela podia ir a qualquer lugar.